

A sociedade é melhor que a sua imagem

Helio Amorim
Engenheiro, Diretor INFA

A mídia constrói um cenário pessimista da sociedade e do mundo. Aprendeu que só se garante audiência ou se vendem jornais e revistas se tragédias, desvios de comportamento, intrigas políticas, ações policiais e guerras entre quadrilhas ocupam espaços generosos e viram manchetes chocantes.

A monótona repetição de notícias de episódios degradantes das relações sociais vai consolidando no imaginário da população uma visão deformada de mundo e a aceitação de sermos mesmo “degradados filhos de Eva, gemendo e chorando nesse vale de lágrimas”, esperando uma vida melhor depois da morte. A Igreja contribuiu por muito tempo para alimentar esse conformismo passivo dos cristãos com uma visão mórbida e dualista do mundo criado por Deus para ser, ao contrário, um cenário propício à plena humanização de homens e mulheres, criados à sua imagem.

Essa visão pessimista de sociedade e de mundo é falsa. Os episódios que cobrem os espaços da mídia são verdadeiros mas não definem a realidade multifacetada da sociedade, em que estão fortemente presentes relações humanas construtivas, marcadas pela solidariedade, o respeito, a sensibilidade social, o serviço ao outro, com organizações sociais intermediárias conduzidas por um voluntariado numeroso que promove efetivamente essa humanização querida por Deus.

Um exemplo que nos ocorre descrever, dentre uma infinidade de outros talvez muito mais fecundos, é o Instituto da Família (INFA), criado há 34 anos pelo Movimento Familiar Cristão, no Rio de Janeiro. Como outras iniciativas desse gênero, esse serviço a famílias se estruturou a partir de uma idéia simples, motivada pelo desejo de encontrar resposta para um problema visível: muitas famílias se desestruturam por dificuldades em suas relações internas, sob a influência de pressões externas desagregadoras. Essa desestruturação pessoal e familiar é causa de infelicidade profunda e exige tanta atenção como os problemas da miséria e da fome, aliás tantas vezes com ela relacionados. A psicologia maneja um instrumental científico para diagnósticos e tratamento desses fatores desestruturantes. Entretanto, a terapia é cara, inacessível à parcela mais pobre da população, justamente a mais sujeita a situações limites de carências de todo tipo, feridas em sua auto-estima, muitas vezes vítimas de violência e vivendo num espaço físico marcado pelo medo.

A solução seria contar com profissionais das diversas áreas da psicologia dispostos a oferecer parte do seu tempo para tratar pacientes que não lhes podem pagar. Em contra-partida ganharão uma experiência muito especial que os fará crescer, por enfrentarem um arco de problemas que normalmente não surgirão nos seus consultórios freqüentados pelas classes mais favorecidas. Feitas as primeiras sondagens, descobriu-se que esses profissionais assim disponíveis existem e demonstram grande interesse em atuar nesse mundo do pobre como desafio e crescimento profissional.

Seria necessário formar equipes de voluntários para gerenciar essa atividade e criar o espaço adequado para esse serviço. Uma primeira casa foi cedida pela Igreja. Mais tarde, outra foi doada por uma família do MFC. Mais recentemente foi possível comprar mais uma, agora no interior de uma favela urbanizada. O MFC é a fonte das equipes de voluntários.

O que começou timidamente em 1971 cresceu rapidamente por ser desmedida a demanda por esse apoio que os serviços públicos não oferecem. Logo a capacidade de atendimento de cada casa ia sendo esgotada, formando-se intermináveis filas de espera de pessoas que pedem socorro.

Nessa atividade principal, o INFA mantém atualmente quase mil pessoas em terapia com dezoito consultórios funcionando das oito às vinte horas, nos três Centros de Atendimento. Atuam no INFA mais de setenta profissionais. Desde o início, a terapia indicada exigiu a diversificação das especialidades e serviços, incluindo psicopedagogos e fonoaudiólogos. Assistentes sociais fazem a triagem para o encaminhamento dos pacientes e negociam o que pagarão pelo tratamento.

Mas os serviços não são gratuitos? Não, desde a concepção original foi decidido que os beneficiários pagariam o serviço oferecido. Pagarão o que podem pagar. Assim, as sessões de terapia que custam não menos de sessenta reais em clínicas particulares, tarifa mínima estabelecida pelo Conselho regulador dessa atividade profissional, são fixadas com cada paciente que pagará entre cinquenta centavos e vinte reais. É condição para a eficácia do tratamento. A gratuidade conspira

contra o êxito da terapia. Essa modesta contribuição é quase suficiente para manter a entidade funcionando e reembolsar as despesas pessoais dos profissionais. Sócios contribuintes e promoções financeiras complementam a necessidade de recursos, ao mesmo tempo permitindo ao INFA não depender de subsídios públicos, sempre incertos e descontínuos.

Com o tempo, outros programas foram sendo desenvolvidos, como prevenção aos problemas que surgem na terapia. Uma causa comum é a falta de emprego, ou o salário insuficiente para uma vida digna. Também problemas jurídicos em questões trabalhistas e direito de família. Surgiram então um serviço de orientação jurídica e os cursos de preparação para o trabalho, desde a formação de recreadoras infantis, crecheiras, baby-sitters, até a iniciação à informática. Outros programas assistenciais vão do empréstimo de cadeiras de rodas e exames oftalmológicos até a produção e fornecimento da farinha nutritiva desenvolvida pela Pastoral da Criança da CNBB a famílias em situação de risco, através de um ambulatório comunitário apoiado pelo Instituto da Família. Bibliotecas oferecem diversas oportunidades de crescimento pessoal, especialmente para crianças e adolescentes.

Esta é uma das inúmeras iniciativas de voluntários a serviço de quem precisa de apoio, atividades que não interessam à mídia, comprovado que a audiência não demonstra interesse nesse tipo de notícia, não vende jornais e não move os sensores eletrônicos do Ibope. Mas refletem melhor o rosto da sociedade do que os episódios trágicos ou deprimentes preferidos pelos editores. Mark Twain, o escritor americano, já dizia, no seu tempo, que “o editor é aquele que recebe e separa o joio do trigo... e publica o joio”. (Helio Amorim)